

Da Oração

João Calvino

1. Necessidade da Oração

Aquele que tem sido devidamente instruído na verdadeira fé percebe, por um lado, sua extrema pobreza, carência de bens espirituais e sua incapacidade total para salvar-se. Daí que para encontrar ajuda e sair de sua miséria busque auxílio fora de si mesmo.

Por outro lado, contemplo o Senhor — quem generosamente e de boa vontade se oferece em Jesus Cristo, e nEle abre todos os tesouros celestiais —, a fim de que sua fé se centralize no Filho bem-amado e nEle repouse e produza raízes toda sua esperança.

É, pois, necessário que o homem se volte a Deus para pedi-lhe, por meio da oração, aquilo que só Ele possui.

Caso de não invocar e orar a Deus — quando sabemos que Ele é o Senhor, de quem todos os bens provêm, e que Ele mesmo nos convida a que lhe peçamos tudo o que precisamos —, viríamos a sermos como aquele que, conhecendo onde há um tesouro escondido, por negligência e para poupar-se o trabalho de desenterrá-lo, o deixa ali esquecido.

2. Sentido da Oração

Já que a oração é uma espécie de comunicação entre Deus e nós, pela qual expomos ante Ele nossos desejos, nossas alegrias e nossas queixas — em resumo: todos os movimentos de nosso coração —, devemos procurar, cada vez que invocamos o Senhor, descer até o mais profundo de nosso coração, para dirigir-nos a Ele desde essa profundidade e não tão só desde a garganta ou desde a boca.

É certo que a língua serve para a oração e faz que o espírito esteja mais atento ao pensamento de Deus; e precisamente porque está chamado a exaltar a glória de Deus, este membro do corpo deve estar ocupado, juntamente com o coração, em meditar na bondade de Deus. Mas não esqueça tampouco que por boca do Profeta, o Senhor pronunciou castigo sobre todos aqueles que o honram com seus lábios mas cujo coração e vontade estão longe dEle.

Se a verdadeira oração deve ser um simples movimento de nosso coração para Deus, é necessário que afastemos de nós qualquer pensamento sobre nossa própria glória, qualquer idéia de dignidade e a mais mínima confiança em nós mesmos. Por isso por profeta nos exorta a orar, não segundo a nossa justiça, senão segundo a imensa misericórdia do Senhor, para que nos escute por amor de Si mesmo, já que seu Nome foi invocado sobre nós.

Este conhecimento de nossa miséria não deve de modo algum impedir que nos aproximemos de Deus. A oração não nos foi dada para que nos levantemos com arrogância ante Deus, nem para enaltecer nossa dignidade, senão para confessar nossa miséria, gemendo como filhos que apresentam suas queixas a seu pai. Ao contrário, este sentimento deve ser para nós um incentivo que nos inste a orarmos cada vez mais.

Existem dois motivos que devem impulsionar-nos com força a orar: em primeiro lugar o mandado de Deus que nos ordena fazê-lo, e em segundo lugar a promessa com que nos assegura que receberemos o que lhe peçamos.

Os que invocam a Deus e oram, recebem um consolo especial, pois obrando assim sabem que realizam uma coisa agradável a Deus. Apoiados na promessa, têm, além disso, a certeza de serem ouvidos. "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á", diz o Senhor (Mateus 7:7, ACF), e continua: "E invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás" (Salmo 50:15, ACF).

Nesta última passagem, implica duas classes de oração: a invocação (ou prece) e a ação de graças. Na prece descobrimos ante Deus os desejos de nosso coração. Pela ação de graças reconhecemos seus benefícios a nosso favor. E nós temos que utilizar assiduamente uma e outra, pois nos vemos acoçados por tão grande pobreza e necessidade que ainda os melhores devem suspirar, gemer e invocar continuamente o Senhor com toda humildade. E por outra parte, é tão grande a generosidade que o Senhor em sua bondade nos prodigaliza, tão excelsas por toda parte as maravilhas de suas obras, que sempre encontraremos motivo para louvá-lo e tributar-lhe ações de graças.

3. A Oração do Senhor

Nosso Pai misericordioso não somente nos mandou que oremos, e nos exorta para que o busquemos em todas as circunstâncias, senão que, vendo também que não sabemos o que devemos pedir e o que necessitamos, quis ajudar-nos em nossa ignorância e Ele mesmo supriu o que nos faltava. E assim recebemos de sua bondade uma especial consolidação ao ensinar-nos a orar com as palavras de sua própria boca. Daí que o que lhe pedimos não é desatinado, extravagante ou dito fora de tempo. Esta oração que Ele nos deu e prescreveu, compreende seis partes: as três primeiras se referem particularmente à glória de Deus, que é o que sempre devemos ter na frente ao pronunciá-las, sem levar em conta o que se refere a nós; as outras três concernem a nós e a nossas necessidades, mas ainda a glória de Deus que buscamos nas três primeiras petições redundante para nosso próprio bem. Porém, também nas três últimas petições as coisas que necessitamos as pedimos, acima de tudo, para a glória de Deus.

PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS

A primeira regra em toda oração consiste em apresentar-se a Deus em nome de Cristo, pois neste nome ninguém pode ser-lhe desagradável.

Ao chamar a Deus de Pai nosso, já pressupomos o nome de Cristo.

Mais ninguém no mundo é digno de apresentar-se a Deus e de aparecer perante seu rosto. Este bom Pai celestial, para livrar-nos de uma confusão que inevitavelmente nos turbaria, nos deu como mediador e intercessor a seu Filho Jesus. Detrás dos passos de Jesus podemos aproximar-nos a Ele confiadamente, tendo plena certeza de que não será rejeitado nada do que peçamos em nome deste Intercessor, pois o Pai não pode negar-lhe nada.

O trono de Deus não é só um trono de Majestade, senão também um trono de graça, ante o qual podemos, em nome de Jesus, ter o privilégio de comparecer livremente para obtermos misericórdia e acharmos graça quando a necessitemos. De fato, como temos o mandamento de invocar a Deus, e a promessa de que todos os que o invocar serão ouvidos, temos também o mandamento concreto de invocá-lo em nome de Cristo, e nos foi feita a promessa de que obteremos tudo o que pedirmos em seu nome.

O agregar que Deus, nosso Pai, está nos céus, tem como finalidade expressar sua Majestade inefável (a qual nosso espírito, a causa de sua ignorância, não pode compreender de outro modo), pois para nossos olhos não existe realidade mais bela e mais grandiosa que o céu.

A expressão nos céus quer dizer que Deus é excelso, poderoso e incompreensível. E quando ouvimos esta expressão devemos elevar nossos pensamentos, cada vez que se menciona a Deus, a fim de não imaginar a este respeito nada de carnal nem terreno, nem medi-lo segundo nossa compreensão, nem regulamentar sua vontade segundo nossos desejos.

SANTIFICADO SEJA TEU NOME

Mencionar a Deus é tributar aquele louvor com o qual nós o honramos por suas virtudes, ou seja: pela sua sabedoria, sua bondade, seu poder, sua justiça, sua verdade, sua misericórdia.

Pedimos, pois, que a Majestade de Deus seja santificada por suas virtudes. Não é que possa aumentar ou diminuir em si mesma, senão que deve ser tida como santa por todos, deve ser reconhecida e enaltecida; devemos considerar como gloriosas — pois assim são — todas as ações de Deus, faça o que fizer. De modo que se Deus castiga, ainda nisto devemos considerá-lo justo; se perdoar devemos considerá-lo misericordioso; ao cumprir suas promessas, devemos considerá-lo veraz. E já que sua glória se reflete em todas as coisas e brilha nelas, é necessário que ressoem seus louvores em todos os espíritos e por todas as línguas.

VENHA O TEU REINO

O Reino de Deus se manifesta ali onde Deus, por meio de seu Espírito, governa e dirige aos seus, a fim de mostrar, em todas suas obras, as riquezas de sua bondade e misericórdia. A vinda do reino se atualiza também ao lançar Deus no abismo os réprobos que não se submetem a seu domínio, e confundi-los em sua arrogância, a fim de que se manifeste plenamente que nenhum poder pode resistir o seu.

Pedimos, pois, que venha o Reino de Deus, ou seja: que o Senhor multiplique dia após dia o número de fiéis que enaltecirão sua glória por todas suas obras, e que reparta mais amplamente a afluência de suas graças sobre eles, a fim de que, vivendo e reinando cada vez mais neles, em união perfeita, os encha de plenitude.

Também pedimos que Deus faça brilhar cada dia mais com novos resplendores sua luz e sua verdade para dissipar e abolir a Satanás e suas mentiras e as trevas de seu reino.

Ao pedirmos que venha o Reino de Deus, pedimos que venha a revelação de seu juízo, naquele dia em que somente Ele será exaltado e será todo em todos, depois de reunir e receber os seus na glória, e depois de ter arrasado e destruído o reino de Satanás.

SEJA FEITA TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Pedimos aqui que Deus governe e dirija tudo sobre a terra segundo a sua vontade, como faz no céu; que dirija todas as coisas para o fim que lhe parecer bom, servindo-se de todas suas criaturas segundo lhe apraz, e dominando todas as vontades.

Ao pedirmos isto, renunciamos a todos nossos desejos próprios, submetendo e consagrando ao Senhor tudo o que há disponível em nós, e pedindo-lhe que conduza as coisas não segundo nossos desejos, senão como quiser e decidir Ele.

Deste modo lhe pedimos não só que nossos desejos sejam feitos vãos e sem nenhum efeito quando se opõem a sua vontade, senão que crie em nós um espírito e um coração novos, mortificando os nossos de modo tal que não surja neles nenhum desejo sem o completo consentimento de sua vontade.

Em resumo: pedimos não desejarmos nada a não ser o que o Espírito deseje em nós, e que por meio de sua inspiração aprendamos a amar tudo quanto lhe é grato, e a odiar e detestar tudo o que lhe desagrada.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DÁ HOJE

Pedimos aqui, de um modo geral, tudo o que dentre as coisas deste mundo é útil para o cuidado de nossa existência; não só o alimento e o vestido, senão tudo o que Deus sabe que necessitamos para que possamos comer nosso pão em paz. Para dizê-lo brevemente: nos acolhemos com esta petição à providência do Senhor, e nos confiamos a sua solicitude para que nos alimente, cuide e conserve. Pois este bom Pai não tem em menos guardar com solicitude inclusive o nosso corpo. Deste modo, exercita nossa confiança nEle até nos menores pormenores, fazendo que esperemos dEle tudo o que nos é necessário: até a última migalha de pão ou gota d'água. Ao dizer: Dá-nos hoje nosso pão cotidiano, provamos que não devemos desejar mais que o que necessitamos para o dia, com a confiança que, depois de alimentar-nos hoje, nosso Pai também o fará amanhã.

Ainda no caso de viver atualmente em abundância, sempre devemos pedir nosso pão cotidiano, reconhecendo que nenhum meio de existência tem sentido senão em quanto que o Senhor o faz prosperar e aproveitar com sua bênção. Pois o que possuímos não é nosso senão na medida em que Deus nos concede seu uso hora após hora e nos faz participar de seus bens. Ao dizer "pão nosso", a bondade de Deus se manifesta ainda mais, fazendo nosso o que por nenhum título nos era devido. Finalmente, ao pedir que nos seja dado este pão, significamos que tudo o que adquirimos — ainda o que achamos que ganhamos com nosso trabalho —, é puro e gratuito dom de Deus.

PERDOA NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS OS NOSSOS DEVEDORES

Pedimos agora que se nos conceda graça e remissão de nossos pecados, pois são necessárias a todos os homens sem exceção alguma.

Chamamos de dívidas as nossas ofensas, pois devemos a Deus a pena como pagamento das mesmas, e não poderíamos de modo algum satisfazer por elas se não estivéssemos absolvidos por essa remissão que é um perdão gratuito de sua misericórdia.

E pedimos que nos seja dado o perdão como nós o damos aos nossos devedores, quer dizer: como nós perdoamos àqueles que nos magoaram de algum modo, que nos ofenderam com atos, ou que nos injuriaram com palavras. Não se trata aqui de uma condição que se agrega, como se merecêssemos, pelo perdão que concedemos a outrem, que Deus no-lo dê a nós. Senão que é uma prova que Deus nos propõe para testemunhar que o Senhor nos recebe em sua misericórdia com a mesma certeza que nós temos em nossas consciências de sermos misericordiosos com os outros, se é que nosso coração está também purificado de todo tipo de ódio, inveja e vingança.

Ao contrário, por esta prova ou sinal, Deus apaga do número de seus filhos àqueles que, deixando-se levar pela vingança e recusando-se a perdoar, mantêm suas inimizades arraigadas em seus corações. Que não pretendam os tais invocar a Deus como Pai deles, pois a indignação que abrigam a respeito dos homens cairá então sobre eles.

E NÃO NOS DEIXES CAIR NA TENTAÇÃO, MAS LIVRA-NOS DO MAL, AMÉM.

Não pedimos aqui não ter que sofrer nenhuma tentação. Temos grandíssima necessidade de que as tentações nos despertem, estimulem e sacudam, pois corremos o perigo de converter-nos em seres amorfos e preguiçosos se permanecermos numa calma excessiva. Cada dia o Senhor prova seus escolhidos, adestrando-os por meio da ignomínia, a pobreza, a tribulação e outras classes de cruzes.

Porém nossa demanda consiste em pedir que o Senhor nos dê também, ao mesmo tempo que as tentações, o meio de sair delas, para não sermos vencidos e esmagados; antes, fortalecidos com a força de Deus, poder manter-nos constantemente contra todos os poderes que nos assaltam.

Mais ainda: uma vez salvaguardados e protegidos por Ele, santificados com as graças de seu Espírito, governados pela sua direção, seremos invencíveis contra o Diabo, a morte e toda classe de artifício do inferno — que é o que significa estarmos livres do mal do Maligno.

Devemos perceber como quer o Senhor que nossas orações estejam conformes à regra do amor, pois não nos ensina a pedir cada um para si o que é bom, sem olharmos para o nosso próximo, senão que nos ensina a preocupar-nos pelo bem de nosso irmão como do nosso próprio.

4. Perseverar na Oração

Para terminar, devemos observar que não podemos pretender ligar a Deus a alguma circunstância, da mesma forma que nesta oração dominical nos ensina a não submetê-lo a nenhuma lei nem impor-lhe nenhuma condição.

Antes de dirigir-lhe em nosso favor alguma oração, dizemos primeiramente: "Seja feita a tua vontade". Deste modo submetemos de antemão nossa vontade à dEle para que, detida e retida como por uma brida, não tenha a presunção de querer submetê-lo ou dominá-lo.

Se, uma vez educador nossos corações nesta obediência, nos deixarmos governar pelo bom querer da divina providência, aprenderemos com facilidade a perseverar na oração e a esperar no Senhor

com paciência, rejeitando a realização de nossos desejos até que soe a hora de sua vontade. Estaremos também seguros de que, ainda que às vezes possa parecer-nos outra coisa, Ele está sempre presente junto de nós, e que a seu devido tempo manifestará que jamais fez ouvidos surdos a nossas orações, embora segundo o juízo dos homens tenha podido parecer que as menosprezava.

Finalmente, se depois de uma longa espera, inclusive nossos sentidos não chegam a captar de que nos tem servido orar, nem percebem fruto algum de nossa oração, nossa fé contudo nos garantirá o que nossos sentidos não podem perceber: que conseguimos tudo o que era necessário. Pela fé possuiremos então abundância na necessidade e consolo na dor. De fato, embora tudo nos falte, Deus jamais nos abandonará, pois não pode frustrar a espera e a paciência dos seus; e Ele sozinho substituirá todas as coisas, já que contém em si mesmo todos os bens, o qual nos revelará totalmente no futuro.

Fonte: *Breve Instruccion Cristiana*, Juan Calvino, Ed. Fundación Editorial de Literatura Reformada (FELiRe).